



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS/CAMETÁ
FACULDADE DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

ELINE VULCAO MEIRELES

**OS DESAFIOS DE ESTUDANTES DO CAMPO NAS ESCOLAS
URBANAS EM CAMETÁ, PARÁ**

**CAMETÁ-PARÁ
2024**

ELINE VULCAO MEIRELES

**OS DESAFIOS DE ESTUDANTES DO CAMPO NAS ESCOLAS
URBANAS EM CAMETÁ, PARÁ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção de grau de Licenciatura em Geografia pela Universidade Federal do Pará.

Orientador: Prof. Dr. Mário Júnior de Carvalho Arnaud.

**CAMETÁ-PARÁ
2024**

ELINE VULCAO MEIRELES

**OS DESAFIOS DE ESTUDANTES DO CAMPO NAS ESCOLAS
URBANAS EM CAMETÁ, PARÁ**

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado como requisito parcial para a
obtenção de grau de Licenciatura em
Geografia, pela Universidade Federal do
Pará.

Data de Apresentação: ____/____/____

Banca Examinadora

Prof. Dr. Mário Júnior de Carvalho Arnaud
Orientador – FAGEO-CUNTINS/UFPA

Prof. Dr. Marcel Ribeiro Padinha - FAGEOUFPA
Examinador interno

Prof. Mestrando Wesley de Souza Marques – PPGE/UEPA
Examinador Externo

A minha mãe Waldilene dos Santos Vulcão, que nunca mediu esforços para contribuir com a minha formação, que sempre vibrou para com minhas conquistas e que foi a maior incentivadora desse sonho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus e a intercessão de Nossa Senhora de Nazaré, pela proteção durante os percursos até a universidade para que pudesse finalizar e realizar esse meu sonho.

A minha eterna gratidão a minha mãe Waldilene dos santos vulcão, que nunca mediu esforços para contribuir com a minha formação, que sempre vibrou para com minhas conquistas e que foi a maior incentivadora desse sonho.

Agradeço as minhas irmãs Elizandra vulcão e Fabiola vulcão por estarem sempre presentes em minhas conquistas e a cada sonho realizado nesses anos e que em todos os momentos me deram suporte financeiramente para não desistir. Agradeço ao meu padrasto Alexandre Nunes por sempre estar disposto a me levar e buscar na universidade quando precisei.

Aos meus queridos tios Wadimilson dos santos e Eliene Regina que me acolheram por diversas vezes em sua casa durante os períodos chuvosos que não conseguia voltar para casa. Agradeço também a minha tia Cleiciane Martins que sempre acreditou no meu sonho, por todo amor e incentivo nesses anos de curso.

Agradeço ao Netto Tavares, pelas inúmeras vezes que me deu o suporte e incentivo para continuar e terminar o curso, mas principalmente por me levar durante quase 02 anos para estudar, assim como sua família por terem me acolhido e ajudado durante meu curso.

Aos meus familiares, amigos e conhecidos que torceram para que tudo desse certo, muito obrigada! Agradeço imensamente aos meus melhores amigos de curso Caroline Melo e Euller Alves, pelos inúmeros momentos compartilhados, pelo suporte, incentivo e bronca quando desanimava, por esses longos anos de amizade e por serem meu ombro amigo quando mais precisei.

Agradeço a Taylane Rodrigues por ter sido como uma irmã durante o período que dividimos o apartamento, a rotina e a vida juntas. Aos meus amigos de curso Giovani Lobo, Brendo Garcia, Eduardo Vinicius, Krícia Almeida, César Araújo, Carolina Cruz, Ana Paula e Loyanna Cristine, vocês foram pessoas que tornaram esse percurso mais leve e prazeroso.

Agradeço imensamente ao Kevem Marcel por me ajudar num momento tão importante para minha formação acadêmica.

Ao meu orientador Dr. Mário Júnior de Carvalho Arnaud, minha eterna gratidão por se tornar um amigo e principalmente pelo direcionamento, conhecimento e orientações necessárias para com essa pesquisa.

Gratidão ao corpo docente da faculdade de Geografia, em especial aos professores: Arley Martins, Carla Braga, Marcel Ribeiro, Mario Junior e Ivamauro Silva que marcaram positivamente minha vida acadêmica durante as vivências e aprendizado.

Agradeço aos estudantes da localidade de Guajará que se dispuseram a serem entrevistados, colaborando assim para que essa pesquisa fosse realizada. Gostaria de expressar minha gratidão a todos que direta e indiretamente participaram e me deram suporte durante minha formação.

Esse trabalho é o começo de busca por melhoria e cuidado para com os meus, por acreditar que nós da zona rural também devemos ter melhores condições, não só de vida, como de educação. Obrigada!

“Conhecendo a geografia você descobrirá o
seu incrível mundo”
(Luciano Dall Alba Lopes de Oliveira)

RESUMO

A transição de um ambiente rural para um ambiente urbano pode ser culturalmente desafiadora para os alunos do campo. Eles podem se sentir deslocados e enfrentar dificuldades para se adaptar às diferenças de estilo de vida, valores e práticas culturais. O presente trabalho teve por objetivo investigar as problemáticas em relação ao cotidiano de alunos do ensino médio que residem em área rural, na Vila de Guajará de Nazaré ao buscarem seus estudos em escolas situadas na cidade de Cametá. Na metodologia foi desenvolvida uma abordagem qualitativa, com uso de pesquisas bibliográficas e estudo de caso, com coleta de dados e aplicação de questionários e entrevistas semiestruturadas para a obtenção de resultados. Os resultados apontam que, as condições vivenciadas diariamente por estes alunos diante da qualidade do transporte e da rodovia de acesso ao meio urbano é bem complicada. Dessa forma, constata-se que o transporte escolar representa o único meio viável para os alunos do campo chegarem até a escola, sendo essencial que seja fornecido com alta qualidade, em conformidade com todas as normas estabelecidas pelas leis. Questões como acessibilidade, a distância entre a residência e o ponto de embarque/desembarque, as longas jornadas de viagem até a escola e as condições das estradas exercem um impacto negativo significativo no desempenho acadêmico dos estudantes. Devido ao esgotamento físico e mental gerado, além de contribuir para o fracasso escolar.

Palavras-chave: Escola do Campo. Guajará de Nazaré. Cametá.

ABSTRACT

The transition from a rural environment to an urban environment can be culturally challenging for rural students. They may feel out of place and face difficulties adapting to differences in lifestyle, values and cultural practices. The present work aimed to investigate the problems in relation to the daily lives of high school students who live in a rural area, in the Vila de Guajará de Nazaré when pursuing their studies in schools located in the city of Cametá. In the methodology, a qualitative approach was developed, using bibliographical research and case studies, with data collection and application of questionnaires and semi-structured interviews to obtain results. The results indicate that the conditions experienced daily by these students in terms of the quality of transport and the access highway to the urban environment is very complicated. Therefore, it appears that school transport represents the only viable means for rural students to get to school, and it is essential that it is provided with high quality, in accordance with all standards established by law. Issues such as accessibility, the distance between home and the embarkation/disembarkation point, long journeys to school and road conditions have a significant negative impact on students' academic performance. Due to the physical and mental exhaustion generated, in addition to contributing to school failure.

Keywords: Country school. Guajará de Nazaré. Cametá.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Localização da Vila de Guajará de Nazaré – Cametá/Pa	17
Figura 2 – Rodovia que dá acesso à vila Guajará de Nazaré (campo-cidade). 18	
Figura 3 - Vila de Guajará de Nazaré, trecho totalmente intrafegável.....	18
Figura 4 - BR-422 no período chuvoso	19
Figura 5 - Ônibus atolado com alunos caminhando longos percursos	21

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. REFLETINDO SOBRE A EDUCAÇÃO DO CAMPO E A ESCOLA URBANA.....	13
2.1 Breve histórico da Educação do campo	13
2.2 Aspectos da Educação do campo e urbana	15
2.3 O aluno do campo em escola urbana: estudo de caso	17
3. CONCLUSÃO.....	23
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	24

1. INTRODUÇÃO

O ambiente do campo serve como lar para muitas famílias que sustentam suas vidas por meio do trabalho árduo e honesto. Além da atividade laboral, é importante analisar a qualidade da educação oferecida a essas comunidades, visto que elas vivenciam realidades e desafios diversos em comparação com a vida urbana cotidiana (Alves, 2018).

Os alunos matriculados em escolas rurais enfrentam uma série de dificuldades, que vão desde as condições estruturais, físicas, climáticas e geográficas até a distância significativa entre suas residências e a instituição de ensino. Muitos chegam às aulas exaustos, o que pode resultar em um desempenho acadêmico abaixo do esperado (Santos; Lima; Castro, 2021).

Apesar dos desafios, a escola do campo atua como agente de transformação e integração entre o campo e a cidade. As tecnologias desempenham um papel crucial nesse processo, agilizando e facilitando a comunicação e o acesso à educação para ambos os contextos. O objetivo é promover uma educação inclusiva que forme cidadãos conscientes, críticos, participativos e respeitosos das particularidades territoriais, superando a visão estereotipada de um campo atrasado e reconhecendo suas potencialidades e limitações (Fogaça, 2016).

A educação tem um papel inclusivo, unindo indivíduos e proporcionando oportunidades de aprendizado e descoberta, contribuindo para o desenvolvimento pessoal e para o avanço de diferentes comunidades. Como afirmou Munarim (2011, p. 10), "Educação é um direito social e não uma questão de mercado".

Nesse sentido, a educação não pode ser vista como um produto comercial, mas sim como um instrumento fundamental na construção e preservação da cultura de uma sociedade, inclusive da cultura do campo. Portanto, é indispensável que o acesso à educação de qualidade seja garantido a todos, sem discriminação, para promover a igualdade de oportunidades e o progresso coletivo, tanto para alunos do campo ou da área urbana (Munarim, 2011).

Diante desse aspecto, foi realizada a seguinte questão problema: Quais as possíveis dificuldades de alunos do campo em escolas urbanas?

Dessa forma, uma possível dificuldade enfrentada por alunos do campo ao frequentarem escolas urbanas, segundo Theotonio (2016), pode ser a falta de familiaridade com o ambiente urbano, resultando em um choque cultural e social que pode afetar negativamente sua integração, desempenho acadêmico e bem-estar emocional.

A pesquisa intitulada "Os desafios de estudantes do campo em relação às escolas urbanas em Guajará de Nazaré, Cametá, Pará" surge da experiência pessoal, curiosidade e observação das dificuldades enfrentadas por esses alunos, observado ao longo de anos de trajetória escolar pela presente pesquisadora. Nota-se que, esses desafios têm impactos diretos na vida dos alunos e em seu processo de aprendizagem. Assim, há necessidade de refletir em possíveis intervenções que possam minimizar esses aspectos.

Portanto, foi adotada a abordagem qualitativa, do tipo estudo de caso para desenvolvimento do estudo. Sendo realizado pesquisas bibliográficas para embasamento teórico, com buscas em sites oficiais, como: Scielo (Scientific Electronic Library Online), Google Acadêmico e Portal de Periódico da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). Também foi aplicado questionário semiestruturado com entrevistas para melhor conhecimento da situação de alunos do ensino médio que residem em área rural, na Vila de Guajará de Nazaré ao buscarem seus estudos em escolas situadas na cidade de Cametá.

O trabalho teve como objetivo geral investigar as problemáticas em relação ao cotidiano de alunos do ensino médio que residem em área rural, na Vila de Guajará de Nazaré ao buscarem seus estudos em escolas situadas na cidade de Cametá. Os objetivos específicos foram: apresentar um breve histórico da educação no campo no Brasil; descrever sobre características da educação do campo e escola urbana; avaliar como se desenvolve o processo de ensino aprendizagem dos alunos provenientes do campo nas escolas urbanas.

2. REFLETINDO SOBRE A EDUCAÇÃO DO CAMPO E A ESCOLA URBANA

Esse capítulo traz a apresentação de conhecimentos teóricos da educação no campo, fazendo comparativo com a educação na área urbana. Assim relacionando a importância de conhecer e dar suporte para alunos derivados do campo na escola urbana, em decorrência dos diversos percalços encontrados, inclusive os aspectos geográficos.

2.1 Breve histórico da Educação do campo

A terminologia "Educação do Campo" teve sua origem inicial como "Educação Básica do Campo" durante os preparativos para a I Conferência Nacional por uma Educação Básica do Campo, realizada em Luziânia, Goiás, de 27 a 30 de julho de 1998. Posteriormente, essa expressão evoluiu para "Educação do Campo" durante as discussões do Seminário Nacional realizado em Brasília de 26 a 29 de novembro de 2002, uma decisão que foi reafirmada mais tarde durante os debates da II Conferência Nacional em julho de 2004 (Caldart, 2012).

O conceito de educação do campo é uma novidade relativa, inexistente quase duas décadas atrás. Ele emergiu das demandas dos movimentos camponeses para estabelecer uma política educacional destinada aos assentamentos da reforma agrária. Como resultado dessas reivindicações, também foram criados o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA) e a Coordenação Geral de Educação do Campo (Fernandes, 2006).

Fernandes (2006) esclarece que, embora se fale em Educação na Reforma Agrária e Educação do Campo, são termos distintos, embora complementares, que surgiram simultaneamente. O primeiro refere-se às políticas educacionais voltadas para o desenvolvimento dos assentamentos rurais, enquanto a Educação do Campo aborda a educação como uma questão central para o desenvolvimento rural como um todo.

Independentemente da atuação específica, seja focada na reforma agrária ou no campo em geral, onde a primeira é uma parte integrante da

segunda, o objetivo primordial é promover o desenvolvimento, visando à melhoria da qualidade de vida das pessoas que vivem no campo. Incluindo também melhorias na saúde, educação, lazer, infraestrutura e outras questões que impactam positivamente o bem-estar dessas comunidades (Pinheiro; Cardoso, 2022).

A luta pela Educação do Campo não é limitada a uma questão local ou regional; é um movimento abrangente, histórico e atual. Assim como há aqueles que lutam por moradia digna, emprego ou território, também existem aqueles que lutam pela Educação do Campo. Esses defensores da educação incluem movimentos sociais, organizações sindicais, diferentes comunidades e escolas rurais, entre outros (Caldart, 2012).

a realidade que produz a Educação do Campo não é nova, mas ela inaugura uma forma de fazer seu enfrentamento. Ao afirmar a luta por políticas públicas que garantam aos trabalhadores do campo o direito à educação, especialmente à escola, e a uma educação que seja no e do campo (Caldart, 2012, p. 261).

As expressões "no" e "do" campo enfatizam a importância de que a Educação do Campo incorpore os valores, costumes, cultura, produção e modo de vida das comunidades rurais, ao invés de impor uma educação que seja estrangeira a essas pessoas e desvinculada de suas realidades. Segundo Cunha (2019), isso implica na compreensão de que o direito à Educação do Campo pertence a todos que vivem e dependem do campo, não apenas àqueles que obtêm seu sustento diretamente da atividade agrícola.

O conceito de campo envolve várias dimensões, pois pode ser visto como o espaço de vida daqueles que residem e dependem do campo para subsistência, bem como o espaço de pessoas cuja única relação com o campo é a produção de mercadorias, sem uma conexão identitária com a terra (Cunha, 2019).

A Educação do Campo, concebida como uma "política pública de desenvolvimento" das áreas rurais está focada na população camponesa, que tem uma ligação profunda com o campo e depende dele para sua sobrevivência. Essa ação compreende aqueles que estão envolvidos apenas na produção mercantil da terra, como é o caso do agronegócio (Santos; Miguel, 2012).

Apesar das diversas maneiras de interagir com o território, seja por meio

da produção de mercadorias, da educação ou da organização política, é reconhecido que não são essas atividades isoladas que definem o espaço territorial chamado de campo, mas sim as relações sociais que surgem a partir delas. O território, por sua vez, é simplesmente o cenário onde essas interações ocorrem. A educação tem função relevante ao estabelecer conexões entre os indivíduos e, ao mesmo tempo, atuar como um agente transformador do território (Fernandes, 2006).

De acordo com Fernandes (2006), é por meio da educação, especialmente da educação do campo baseada no princípio da cooperação, que é possível promover uma revitalização no ambiente rural. Essa revitalização ocorre ao estimular uma renovação nos valores, atitudes, conhecimentos e práticas relacionadas ao vínculo com a terra.

Assim, a educação do campo não apenas promove a reconstrução da identidade das pessoas que vivem e dependem do campo para sobreviver, mas também defende esse processo como um direito social fundamental para todos os habitantes rurais.

2.2 Aspectos da Educação do campo e urbana

No Brasil desde o seu processo de formação foram criadas visões de que o campo é lugar de atraso, pobreza e de poucas oportunidades e que as cidades são de desenvolvimento, riqueza e conseqüentemente a que deve ter mais benefícios para o seu crescimento.

A educação no Brasil, por motivos socioculturais, sempre foi relegada a planos inferiores e teve por retaguarda ideológica o elitismo acentuado do processo educacional aqui instalado pelos jesuítas e a interpretação política ideológica da oligarquia agrária, conhecida popularmente na expressão - gente da roça não carece de estudos, isto é coisa para gente da cidade (Leite, 1999, p.25).

A educação do campo é um processo longo de lutas, lutas essas direcionadas não somente a valorização e reconhecimento dos que moram no campo, mas lutas ardidas sobre é direcionada a essa população. É indiscutível que o campo é um lugar de sociabilidade, onde as pessoas precisam ser valorizadas e ter vida e educação digna.

O campo é lugar de vida, onde as pessoas podem morar; trabalhar, estudar com dignidade de quem tem seu lugar, a sua identidade cultural. O campo não é só lugar de produção agropecuária e agroindustrial, do latifúndio e da grilagem de terras. O campo é espaço e território dos camponeses e quilombolas. É no campo que estão as florestas, onde vivem as diversas nações indígenas. Por tudo o campo é lugar de vida e sobretudo de educação. (Arroyo, 2011, p.137).

Quando se fala em educação rural se tem uma enorme lista de problemas que os alunos enfrentam. Uma parte significativa acaba que desistindo de estudar devido aos transtornos, uma parte migra para a cidade e outra parcela são “obrigados” a resistirem aos obstáculos diários ao longo do percurso (Martins, 2023).

Muito mais do que a falta de investimentos, a fim de capacitar a escola para receber esses alunos campestres, há também sérios problemas com o conteúdo repassados para esses alunos, que são bem diferentes da realidade vivida, retirando cada vez mais o olhar sobre o campo, a cultura e a identidade de sua vivência. Além do afastamento de sua realidade a idealização de que a vida urbana é melhor, acaba se fortalecendo, afastando mais ainda essas pessoas de sua familiaridade (Chaves, 2017).

Segundo Cunha (2017), a qualidade de vida rural, não está restrita somente a vida, que inclusive tem sido marcada por muita violência e falta de oportunidades, mas também a educação. Muito mais que uma questão educacional é preciso que se tenha um olhar social.

O tempo demorado até as escolas, a falta de segurança, o desconforto, as péssimas condições das vias utilizadas, a qualidade do transporte e a falta dele, faz com que os alunos se desgastem ao longo do percurso. Arnt e Silva em “o acesso as escolas do campo e o transporte escolar” diz que:

Quando se consideram as dificuldades que os moradores da área rural têm em se deslocar de uma área para a outra fica evidente a importância do transporte escolar no dia a dia. A falta de estradas adequadas para se locomover e condução em qualidade suficiente e em condições de uso tem trazido muitos transtornos para os discentes rurícolas como baixa qualidade no seu processo de ensino aprendizagem, e evasão escolar (Arnt; Silva, 2008, p. 8)

Nota-se que, estes estudantes precisam de transporte escolar de qualidade que atenda a necessidade de segurança e conforto para que a viagem seja menos cansativa, amenizando os transtornos para que se tenha

melhor rendimento escolar, para uma vida melhor e de oportunidades. Colaborando para que esses alunos não se contentem em apenas concluir o ensino médio, mas para que tenha o ensino continuado.

Para melhor entendimento sobre as condições enfrentadas por alunos do campo que se deslocam para estudar na área urbana, foi desenvolvido o estudo de caso, abordado a seguir.

2.3 O aluno do campo em escola urbana: estudo de caso

O município de Cametá, Pará (Figura 1), se localiza à margem esquerda do rio Tocantins, com cerca de 3.000Km de extensão, com a população de 139.364 habitantes, segundo o último censo do IBGE de 2020.

Figura 1 - Localização da Vila de Guajará de Nazaré – Cametá/PA



Fonte: IBGE, 2020. adaptado por Martins

Grande parte da população reside na zona rural. Desse modo, dependem de muitos serviços que são disponibilizados somente no centro urbano do município, como: educação, saúde, acesso aos bancos, dentre outros.

A vila Guajará de Nazaré localizada na Br 422, aproximadamente 7 km da cidade, sede do município, com cerca de 180 famílias, esta comunidade tem como principal fonte de renda a agricultura familiar, pesca, benefícios pagos pelo governo, e alguns poucos trabalhadores em cargos públicos e privados.

Nota-se que, a rodovia é de grande importância e um dos principais meios de acesso da população vila Guajará de Nazaré (campo-cidade), contudo, ela

torna-se intrafegável durante o período chuvoso (Figura 2).

Figura 2 – Rodovia que dá acesso à vila Guajará de Nazaré (campo-cidade)



Fonte: Arquivo da autora, 2024.

Além disso, os estudantes enfrentam outro obstáculo durante o chamado "inverno amazônico", período caracterizado por fortes chuvas que deixam as estradas praticamente intransitáveis (Figura 3). Obrigando os alunos a percorrerem longas distâncias a pé até o ponto de embarque do ônibus, uma vez que o veículo não consegue completar todo o trajeto devido às condições precárias da estrada durante essa época do ano.

Figura 3 - Vila de Guajará de Nazaré, trecho totalmente intrafegável



Fonte: Arquivo da autora, 2024.

Portanto, esse é um percurso extenso e cansativo, e podem levar os

estudantes a serem vencidos pelo cansaço, já que no campo há uma lida exaustiva. Segundo Fiamoncini e Kraemer (2014, p. 10), “para crianças que viveram em área rural e frequentaram a escola num tempo e em uma região em que não havia transporte escolar, tudo era feito a pé, em meio à lama, a chuva, a poeira e muita mata ainda virgem, o caminho para a escola poderia ser uma aventura”.

Portanto, qualquer pessoa que vive no campo e precisa enfrentar essas mesmas condições para ter acesso à educação, enfrenta desafios, como percorrer longas distâncias a pé para chegar à escola, ou com transportes precários (Goulart; Moraes; Vieira, 2019). Além disso, Martins (2010) pontua que, na maioria das vezes, os recursos do campo são limitados, e tanto professores quanto alunos precisavam se apoiar mutuamente se precisar estudar na cidade.

A educação escolar no município pesquisado é um dos serviços que mais tem afetado a população estudantil do campo. O número de alunos da rede pública de ensino é bem significativo e, os alunos precisam deslocar-se diariamente até as escolas, que na sua maioria estão localizadas na zona urbana. Durante o trajeto escolar os alunos enfrentam vários desafios, inclusive em relação ao transporte escolar que é de certa forma precário.

Um dos caminhos é o trecho da BR-422 Cameté-Limoeiro do Ajuru, de localização de Guajará de Nazaré, nesse não existe asfalto, e a circulação das pessoas nesta via de transporte se caracteriza por uma estrada de terra (e lama). Nos meses mais chuvosos os estudantes mais sofrem durante o percurso, é o que podemos observar na Figura 4:

Figura 4 - BR-422 no período chuvoso



Fonte: Arquivo da autora, 2024.

A percepção dos alunos entrevistados em relação às dificuldades enfrentadas no transporte escolar oferecido se restringe às condições das longas viagens, bem como à falta de manutenção do veículo, além dos desafios adicionais causados pelos dias chuvosos, que tornam as idas até a escola mais difíceis e problemáticas. Conforme Martins (2010, p.26), “nessas condições o aluno pode não assistir as aulas de forma adequada, prejudicando a apreensão dos conhecimentos repassados pelo professor, e consequentemente influenciando no rendimento escolar”.

Devido as intempéries vivenciadas durante o trajeto escolar os alunos entrevistados, esses acabam ficando muito prejudicados, estressados, cansados e desanimados. Segundo Ferreira (2020), esse processo está intimamente ligado ao sucesso nos alunos e no desempenho escolar durante o ano letivo, e dentre outras coisas, incide sobre processos que os mesmos se habilitam, como as avaliações externas e também internas.

O contingente de alunos provenientes de áreas rurais que dependem de transporte escolar é praticamente o dobro em comparação com aqueles que residem em áreas urbanas. Levando em conta que o deslocamento inadequado até a escola pode impactar negativamente o desempenho educacional dos alunos, é essencial que o veículo de transporte atenda a todas as normas de segurança e ofereça condições mínimas de conforto para os passageiros (Martins, 2010).

Dessa forma, os alunos que têm acesso a um transporte escolar rural de qualidade apresentam um desempenho educacional superior. Para isso, é necessário levar em consideração diversos aspectos, tais como o tempo de deslocamento, a condição e o tipo do pavimento das estradas, bem como a segurança e o conforto oferecidos pelo veículo (Carvalho et al., 2010).

Diante do que foi mencionado, é fundamental destacar que o direito à educação é garantido a todos os cidadãos, respaldado pela legislação brasileira e ancorado na Constituição Federal em vigor. No artigo 205, a Constituição estabelece que a educação é uma responsabilidade compartilhada entre o Estado e a família, com o objetivo de promover o desenvolvimento individual para o exercício pleno da cidadania e para o aprimoramento profissional (Brasil, 1988).

Outro problema observado a partir das entrevistas se refere ao horário

que o ônibus é disponibilizado, como exemplo, somente no horário matinal, limitando os estudantes que estudam em outros horários. A renda e a falta de oportunidades, e principalmente uma escola de ensino médio na localidade fazem com que a única alternativa seja somente o transporte disponibilizado. Ocorre com muita frequência a ida ou vinda de alunos a pé durante longos percursos, o que se pode ver na Figura 5.

Figura 5 - Ônibus atolado com alunos caminhando longos percursos



Fonte: Arquivo da autora, 2024.

Durante grande parte do ano letivo esses estudantes enfrentam diversos problemas que por conseguinte, afetam o rendimento escolar. Com a chegada do período das chuvas, os mesmos têm mais dificuldades de acesso ao ônibus, por conta da lama, da dificuldade ou do não acesso do ônibus em determinados pontos da estrada e então, percorrem longos caminhos a pé.

Segundo a entrevistada 1:

Os problemas são durante o ano todo, quando não chegamos sujos de poeira chegamos de lama, mas em períodos de chuva sofremos mais. Os ônibus atolam várias vezes ou ficam distantes de nossas casas o que dificulta ainda mais a chegada até a cidade (Entrevistada 1. agosto de 2023).

Os atrasos surgem com mais frequência, juntamente com o cansaço físico e mental. Os três últimos anos no ensino básico torna-se desgastantes e na maioria das vezes frustrantes para esses estudantes da zona rural. A partir dos relatos da maioria dos entrevistados, eles não estudam com o mesmo entusiasmo de quando estudavam o ensino fundamental na escola da localidade:

quando eu estudava aqui não precisava acordar tão cedo e nem passava tanto sufoco como passo agora e só estudo na cidade porque não tem jeito. Os professores daqui nos entendem mais, conhecem nossa realidade, já os da cidade muitas vezes não entendem e nem aceitam nossos atrasos, inclusive já fui barrada de assistir aula e outra vez sequer entrei na escola pois não estava de uniforme completo, porque meu tênis tava sujo de lama do dia anterior (Entrevistada 2. agosto de 2023).

A dinâmica geográfica aliada a falta de escola no local e o percurso cansativo podem ser determinantes para que ocorra com mais frequência a evasão escolar. Na fala de um estudante ele diz que *“ainda não parei de estudar porque meus pais me obrigam a ir, chego cansado e com muito sono, não consigo entender e nem me concentrar de fato nas aulas”* (Entrevistado 3, agosto de 2023).

Santos (1996) relata que a paisagem, além de sua materialidade, constitui a referência perceptiva fundamental para o indivíduo. Num único olhar, ela captura a atenção e se torna a base de sua percepção. O indivíduo organiza seus dados sensoriais e dá significado ao mundo que observa. Assim, a paisagem não é apenas uma coleção de elementos físicos, mas também uma narrativa visual que influencia a forma como percebemos e interagimos com o ambiente ao nosso redor.

Portanto, a falta de ônibus de qualidade, as péssimas condições da estrada e o tempo, acarretam sérios problemas no desenvolvimento e aprendizagem desses alunos que acabam se sentindo inferiores diante da diferença do acesso dos alunos que moram na cidade. Já que ela tem relação com a dinâmica geográfica desse espaço.

Segundo Pinheiro (2013), embora a legislação garanta o direito ao transporte escolar rural gratuito e de qualidade para os estudantes das áreas rurais, a realidade mostra que muitos acabam não frequentando a escola devido à falta desse serviço. Aqueles que conseguem ir à escola enfrentam desafios como percorrer longas distâncias em veículos que carecem de segurança e conforto básicos, na esperança de garantir um futuro melhor.

Com base nos dados obtidos através de entrevistas realizadas na comunidade de Guajará de Nazaré e nas demais Vilas situadas ao longo da BR 422, foi observado que os estudantes que dependem do transporte escolar enfrentam desafios significativos para chegarem até as escolas, uma vez que a maioria dessas instituições está localizada na zona urbana.

Vale ressaltar que, a Prefeitura Municipal de Cametá disponibiliza apenas um ônibus escolar para atender alunos de três ou mais localidades, o que resulta em uma sobrecarga do veículo, excedendo sua capacidade permitida de passageiros.

3. CONCLUSÃO

Através da condução desta pesquisa, foi possível identificar as lacunas e deficiências existentes no que se refere as dificuldades enfrentadas pelos alunos do campo para acesso à escola urbana. Os argumentos apresentados foram de extrema importância para compreender essas.

As áreas rurais abrigam várias famílias cuja subsistência depende do trabalho digno realizado nesse ambiente. Além das atividades laborais, é crucial ponderar sobre a qualidade da educação oferecida a esses indivíduos, pois suas realidades e vivências são distintas daquelas encontradas no ambiente urbano cotidiano.

Sendo assim, a pesquisa revelou que, em relação ao transporte escolar, existem diversos outros fatores que influenciam as dificuldades enfrentadas, como a acessibilidade das estradas, a falta de veículos adequados, as estradas não pavimentadas, que interferem no bem-estar dos alunos, e conseqüentemente no processo de ensino.

Após análises das entrevistas e vivências práticas no transporte escolar do município de Monte Alegre de Goiás, é evidente que alguns veículos, pertencentes à frota própria, necessitam urgentemente de manutenção. Especificamente, o ônibus utilizado na rota do Mendes e Vazante apresenta sérias deficiências na parte mecânica, interna e externa, demonstrando a precariedade do serviço de transporte escolar oferecido nesta região.

O transporte escolar exerce uma influência significativa no processo de ensino e aprendizagem dos alunos das áreas rurais, sendo influenciado pelas condições do trajeto, como as longas distâncias, as más condições das estradas e a deterioração dos veículos. Esses fatores impactam negativamente no desenvolvimento e aprendizado dos alunos, que chegam à escola cansados e desmotivados para assistir às aulas.

Esta pesquisa proporcionou uma compreensão mais profunda da

realidade enfrentada por esses alunos, destacando a importância de investir na educação como um dos pilares para as mudanças necessárias e a efetivação dos direitos garantidos pela legislação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, M.L. **Educação do campo, valorização da cultura e construção da identidade do homem do campo: análise curricular em duas escolas públicas rurais de Araguari-MG**. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação Básica) - Universidade de Uberaba. Uberlândia - MG, p. 115

ARNT, A.M.; SILVA, E.S.L **O Acesso as Escolas do campo e o Transporte Escolar**. Trabalho de conclusão de curso. UNEMAT- Campus Tangará da Serra-MT, 2008.

ARROYO, M. G. **Por uma Educação do Campo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

BRASIL. [**Constituição (1988)**]. Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. LDB. 9394/1996.

CALDART, R. S. Educação do campo. In: CALDART, R. S.et al. (Orgs.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

CHAVES, K.M. da S. **Educandos e camponeses: a dinâmica do tempo comunidade dos estudantes da Escola Família Agrícola de Porto Nacional, Tocantins**.2017. 184f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Tocantins, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Porto Nacional, 2017.

CUNHA, C.M. Apresentação. In: CORDEIRO, C.T; HAMERMÜLLER, D.O. **Educação no campo perspectivas e atualidades**. Londrina: Syntagma, 2019. p. 9-13.

FERNANDES, B. M. Os campos da pesquisa em educação do campo: espaço e território como categorias essenciais. **A pesquisa em Educação do Campo**, v. XX, p. X-I, 2006.

FIAMONCINI, L.; KRAEMER, C. Entre a casa e a escola: o caminho pelo olhar de crianças de área rural na década de 60. In: **X ANPED SUL**, Florianópolis, outubro de 2014.

FOGAÇA, L. M. **Um estudo de caso das condições de vida e produção no assentamento Conceição no município de Nioaque** (2016)/Lucielle Machado Fogaça – Jardim: [s.n.], 2016. 74 f.

GOULART, L. M. L; MORAIS, A. A. de; VIEIRA, JR N. Tempo de permanência no transporte escolar sobre o desempenho estudantil. **Revista de Educação, Universidade Federal de Pernambuco**, Caruaru, Brasil. v.5, n.9, 2019.

LEITE, S. C. **Escola rural: urbanização e políticas educacionais**. São Paulo: Cortez, 1999.

MARTINS, A. P. A. **Análise dos impactos das condições do transporte escolar rural no rendimento escolar dos alunos**. Dissertação de Mestrado em Transportes, Universidade de Brasília, 2010.

MARTINS, C. K. da S. **Educação no campo: uma análise dos desafios encontrados pelos docentes da educação básica durante a pandemia da Covid-19**. 2023. Dissertação. (Mestrado em Ciências Humanas). Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2023

MUNARIM, A. Educação do campo e políticas públicas: controvérsias teóricas e políticas. In: MUNARIM, A. et al. **Educação do campo: políticas públicas, territorialidades e práticas pedagógicas**. Florianópolis: Insular, 2011. p. 21-38.

PINHEIRO, C. R.; CARDOSO, R. **Os desafios da educação do campo**. 2022. 17f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos, 2022.

PINHEIRO, T.G.B.S. **Diagnóstico do Transporte Escolar Rural Público no Município de Cachoeiro de Itapemirim-ES**. Dissertação de Mestrado em gestão Pública – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES, 2013.

SANTOS, K.D; LIMA, F.C; CASTRO, S. Os desafios encontrados pelos estudantes que residem no campo. **Revista UniAraguaia**, v.16, n.3, p. 150-157, dezembro 2021.

SANTOS, J. B.; MIGUEL, T.B. Educação no campo: um novo paradigma. **Eventos Pedagógicos**, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 386–398, 2012. D

THEOTONIO, A. C. R. Inclusão dos alunos do campo na escola urbana: desafios e perspectivas. **II CINTEDI – II Congresso Internacional de Educação Inclusiva – 2016**.